

| livros |

Entre baquetas e letras

Dois bateristas apresentam livros – Aquiles Priester é o tema da biografia “De Fã a Ídolo”, e o gaúcho Duda Guedes lança seu “Brazil for Drumset”

LUÍS BISSIGO

Nem sempre cabe aos bateristas o papel principal em uma banda – normalmente, são os cantores ou os guitarristas quem mais atrai a atenção do público e dos entrevistadores.

Dois músicos estão quebrando essa escrita lançando livros. Um é o sul-africano Aquiles Priester, com a biografia *De Fã a Ídolo*, com texto de Circe Brasil. Outro é o porto-alegrense Duda Guedes, com uma obra voltada aos ritmos nordestinos (*leia abaixo*).

De *Fã a Ídolo* será tema de bate-papo, sessão de autógrafos e pocket-show no próximo dia 18, na livraria Fnac do BarraShoppingSul, em Porto Alegre. É um relato sobre a trajetória de

Priester, 39 anos, conhecido pelo trabalho com a banda Hangar – na qual é baterista, compositor e produtor – e pelas colaborações com o vocalista britânico Paul Di'Anno (ex-Iron Maiden) e com a banda paulista Angra, da qual foi integrante entre 2001 e 2008.

Nascido na África do Sul, filho de uma paulista e um mato-grossense, Aquiles viveu a infância em Foz do Iguaçu (PR) e, na



ANTONIO ROSSA, DIVULGAÇÃO

Aquiles
autografa
biografia
na Fnac no
próximo
dia 18

juventude, morou 12 anos em Porto Alegre – onde fundou o Hangar, em 1997. Instrumentista de técnica apurada, é sempre bem votado nas pesquisas realizadas pelas revistas especializadas e também tem presença constante na programação de festivais internacionais dedicados à bateria. Nesses eventos, ele exerce um de seus papéis favoritos: o de professor.

– Ali (*nas oficinas e aulas*) você mostra se é realmente capaz de tocar o que está no disco. Do que mais gosto é a interação, a pergunta. Nunca é igual. Às vezes (*uma*

aula) pode durar umas quatro horas – conta. – O baterista europeu de metal é duro, técnico. O brasileiro tem uma bagagem de ritmos que eles não têm. Essa variedade de estilos me ajudou a ser mais aceito.

Num desses eventos, realizado em Londres em 2006, Aquiles atingiu o que considera o ponto máximo dessa aventura – conhecer pessoalmente Nicko McBrain, titular das baquetas do Iron Maiden, uma de suas referências centrais. Nesse ponto da narrativa, o livro justifica plenamente seu título: o baterista, hoje ídolo, teve seu dia de fã.



AQUILES POLVO PRIESTER – DE FÃ A ÍDOLO

Circe Brasil

Biografia. Editora Anadarcó, 162 páginas, R\$ 35 em média. Lançamento no próximo dia 18, às 19h30min, na livraria Fnac do BarraShoppingSul.



ADRIANA FRANCIOSI

Maracatu na Big Apple

Se a versatilidade rítmica dos bateristas brasileiros ajudou a impulsionar a trajetória internacional de Aquiles Priester, também foi importante na trajetória de Eduardo “Duda” Guedes, gaúcho que acaba de voltar de um período de 10 anos radicado em Nova York. Entre as experiências do músico na Big Apple, está a edição do livro *Brazil for Drumset – Vol. 1: Northeast*, edição trilingue independente que analisa a história e as características musicais de ritmos nordestinos como maracatu, coco e caboclinho (o volume está à venda pelo site www.eduardoguedes.com).

Curiosamente, foi o período vivido no Exterior que deu ao baterista porto-alegrense o impulso de descrever didaticamente a música brasileira. Após 15 anos tocando como profissional em Porto Alegre, Guedes foi viver em Nova York, onde tornou-se integrante do grupo Nation Beat, com o qual gravou dois discos e participou

de turnês. A especialidade da trupe é justamente explorar a fusão entre as batidas do nordeste brasileiro e do sul dos Estados Unidos – um país que aos poucos vai conhecendo mais brasilidades além do samba e da bossa nova.

– Esse é um tema (*os ritmos nordestinos*) que o pessoal não conhece muito por lá – conta o músico, 38 anos. – O baião vem se popularizando por lá, muito porque a comunidade brasileira de Nova York está maior, tem lugares que tocam muito forró. Mas ainda é um pequeno nicho.

Resultado de pesquisas realizadas desde os anos 1990 no Nordeste, *Brazil for Drumset* já rendeu um bom teste ao autor: ministrar uma oficina de maracatu em pleno Recife, em março do ano passado.

– Foi a prova de fogo: ou eles gostavam ou eu nunca mais voltaria – brinca o baterista. – Mas eles viram que eu pesquisei bastante e tenho experiência. A recepção foi excelente.

Guedes analisa e descreve ritmos dos Estados do Nordeste

Claudia Tajes

E-mail: claudiatajes@uol.com.br

Mulher bonita faz mal à saúde

Em um de seus mais famosos romances, *A Mulher que Escreveu a Bíblia*, Moacyr Scliar conta a história de uma mulher feia de doer que se salvou da rejeição de Deus e o mundo, justamente, escrevendo. Acontece.

Pois a feiosa do saudoso Scliar adoraria o resultado de mais uma pesquisa de inutilidade pública, das que volta e meia aparecem por aí. Essa foi divulgada no ano passado pela Universidade de Valência, na Espanha, após exaustivos estudos com 84 abnegados cobaias, e descobriu que mulheres bonitas fazem mal à saúde dos homens. Por razões científicas.

De acordo com os pesquisadores, o nível do cortisol, hormônio produzido pelo corpo humano em condições de pressão física ou emocional, sobe muito quando os homens ficam perto de belas mulheres. Tudo porque a simples presença de uma bonita é capaz de induzir a impressão, nem sempre de forma consciente, de haver ali uma oportunidade de conquista. Logo, a sensação é a de uma prova a vencer. Em níveis elevados, o cortisol pode causar desde fraqueza muscular, sensibilidade da pele e aumento de peso até diabetes, doenças cardíacas e impotência. Para a produção disparar, bastariam cinco minutos de um mero contato social com qualquer desconhecida de aparência agradável.

Quem assistiu aos desfiles das escolas de samba pela TV, portanto, salvou-se. Mas os que estiveram na avenida e conseguiram tirar fotos com as passistas da Tinga, esses correram perigo. Dentro da nova perspectiva, talvez seja melhor pensar duas vezes antes de entrar no elevador com a guria mais linda do escritório, só você e ela. Se decidir pela aventura, peça para um amigo ficar a postos com um kit de socorro rápido.

Dúvida de que a pesquisa não esclareceu: se o cortisol é produzido também pelas mulheres, por que elas não sofreriam da mesma mazel? Pelo sim, pelo não, é aconselhável recusar um jantar com o Jude Law, no caso de um convite dele?

Se a pesquisa foi uma vingança de alguma cientista inconformada com a beleza alheia, é bom dizer que não adiantou nada. Consultados a respeito, milhares de homens se disseram dispostos a enfrentar o risco. Mais ou menos como fazem ao ir para a praia com um pingo, ou nada, de protetor solar.

O jeito é escrever.